

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

CARTAS DO SERTÃO – de Curt Nimuendaju a Carlos Estevão de Oliveira [edição do Museu Nacional de Etnologia/ASSÍRIO & ALVIM: Lisboa, 2000].

José Varella¹

Noventa cartas escritas entre 1923 e 1942 por um homem que se transformou num dos maiores nome da Etnologia sul-americana, nascido a 17 de abril de 1883 em Jena (Alemanha), batizado com o nome de Curt Unkel ou Unckel, e que na infância adorava brincar de índio no bosque de sua cidade. Pela primeira vez, em 1905, em São Paulo ele viu índios de verdade. Eram guaranis e este fato mudaria definitivamente sua vida, assim como também iria dar uma contri-buição extraordinária para compreensão autóctone da própria História do Brasil através das migrações messiânicas de diversas etnias tupi-guarani, notadamente o povo Tupinambá (observado desde os primórdios de nossa história, mas só a partir de Nimuendaju foi possível entender a dinâmica de uma sociedade indígena cuja influência se pode sentir até na filosofia de Montaigne e de Rousseau através da ideologia do “*bon sauvage*”).

Na década de 1910, Nimuendaju viveu com os Apapocuva-Guarani do litoral de São Paulo passando a ser pioneiro no estudo da história étnica do Brasil. Mas, na coleção supracitada, a primeira carta vem de Santarém, datada de 20/04/1923. Responde ele a Carlos

¹ Jornalista, escritor. PARATUR - Companhia Paraense de Turismo. Assessor. Rua Benfca, 45, Cj. Médice II. Cep 66.620-090, Belém-PA. Tel. 238-1580, e-mail: varella@nautilus.com.br

Estevão, Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), sobre “*Aves lendárias*” (este era ornitólogo amador e colecionador de cerâmica tapajônica, cuja coleção serviu a estudo por Helen Palmatary (1939 e 1949) o missivista responde que não havia obtido nem a mais breve notícia sobre as tais aves. Promete ir a Alter do Chão em busca do que o amigo pede. Em fevereiro desse mesmo ano ele está com os Munduruku e Apiaka do rio Teles Pires, no alto Tapajós. Conta que passou três dias a catar fragmentos de cerâmica nas ruas de Santarém: “Parece incrível, mas em 24 horas eu já tinha juntado um bom princípio para uma coleção arqueológica. O molecório me ajudou com afinco para ganhar qualquer tostão ou cruzado também”.

Parecia estranho um homem daquele porte civilizado juntando cacos com moleques na rua. Por isto, não foi sem desdém que moradores de Monte Alegre o apelidaram “*junta cacos*” alguma vez. Ficaram alguns com os tostões que logo se acabaram e jóias da milenar cultura indígena foram enriquecer acervos de museus no exterior... Antes que, por ignorância e pobreza municipais, se destruíssem ainda mais os tais cacos no solo pátrio sob o andar desatento de um determinado progresso! *Tristes tropiques*, exclamaria o célebre Lévi-Strauss.

Em vila Braga (município de Itaituba), em 28 de abril de 1923, ele constata o caos: muita gente, fome, sarampo e disenteria. O “coronel” Barreto o aconselha a voltar a Itaituba. O risco das cachoeiras desafiava a temeridade da embarcação a motor. No lugar Pimentel as condições não eram melhores: “120 pessoas – entre estas umas 30 prostitutas! – esperavam, encurraladas em meia dúzia de casinhas, por uma ocasião para subir. No mais, fome, disenteria e sarampo”. Era o fim da “*belle époque*” da Borracha mato adentro. Nosso repórter dos sertões perdia a paciência na espera de visitar os Munduruku e Apiaka. O tempo passava “com a lancha amarrada num pau da margem (...) em vista da incompetência dos tais “maquinistas”... Desabafava: “As cachoeiras do

Tapajós não são piores que as do Xingu, por exemplo, mas eu perdia fé nas embarcações do Crl. [coronel] Barreto e no seu sistema de fazer viagem”. Terminava por lembrar seus esforços para obter informações sobre as “Aves lendárias” (infelizmente sem sucesso).

Em vila Braga, 1923, ele diz que não havia mais do que uma “única família paraense, todas as mais são maranhenses e cearenses que nada sabem do que nos interessa”. Sua visita aos Maué foi completo fracasso. Onze aldeias ele contou e a recepção do chefe maué José Leão que manifestava extrema desconfiança. O motivo: civilizados haviam dito aos índios que “espiões alemães” estavam vasculhando a região. Partiu incontinentemente “sob risco de vida”, em péssima canoa seguindo para Santarém pelo rio *Mariacua*, *Mamuru* e lago *Uaicurupá* – “nada disto figura nos mapas!”, dizia ele.

Nada de muiraquitãs, apesar de procurar e indagar por toda Santarém. Contam que há muitos em Faro. Um morador do Lago Grande tinha um em forma de rã, mas não tem mais dinheiro para comprar... Fala de sua correspondência com Rivet e Nordenskiöld, escreve para o jornal da Sociedade dos Americanistas de Paris. Os caboclos riem-se do “*junta cacos*”... Ele informa, de Alter do Chão, antiga aldeia dos Arapiuns, que não achou “uma só pessoa que tivesse ao menos pela tradição notícia de muiraquitãs”. Partiria em direção a Belém (que estava muito longe dali) pelo “primeiro vapor que tiver”. Havia negócios urgentes a tratar com Nordenskiöld, o SPI e o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

No Amapá em 1939, chegou ao rio Cunani e foi à fazenda Tarumã pedir ajuda a fim de chegar ao monte Mayé. A proprietária era dona Palmyra Barbosa de quem se refere assim: “O modo como esta senhora compreendeu minha missão” – diz ele com tristeza, registrando – “por muito favor” a cinco mil réis ao dia (“quando ela não paga mais que 1.000 e 1.500!”). Enfim, o cemitério indígena dos Mayé se encontrava mexido e saqueado... Dona Palmyra sentia-se perfeitamente

“proprietária” de tudo ali. Arrancava urnas funerárias para plantar flores dentro delas. O que não deixava de ser uma alegoria sutil. No Retiro Novo um *camoti* servia de “panela de cozinha”... “As que encontrei estavam quebradas, o conteúdo espalhado pelo chão, os tampos atirados fora – uma lástima!”.

De Manaus o papa-léguas escreve, em 24/09/1932, contando que foi ele próprio quem incentivou e orientou o padre João Mayer a recolher e colecionar cerâmica tapajônica. E que foi assim que chegaram as primeiras peças dessa coleção ao Museu de Leipzig. Mas o missionário referido “já tinha encaixotado tudo e só vivia no antegozo das centenas e mais centenas de dólares que na América do Norte lhe haviam de pagar por esta e aquela peça” (p. 187). Descreve cena patética da irremediável destruição de uma cultura (p. 189):

“A cena do enterro do índio velho não se deu bem assim, mas a diferença em nada influiu sobre o que era para demonstrar: o velho morreu; a viúva cega e a filha queriam que ele fosse enterrado dentro da choça, o que proibiu o chefe da aldeia. A viúva com as suas mãos, quis assim mesmo abrir uma cova dentro da choça, mas o chefe inabalável, mandou enfardar o velho e designou um homem para que o levasse e enterrasse fora da aldeia”. As mulheres seguiram resignadas atrás do corpo e Nordenskiöld “corre atrás [para fotografar] mas desistiu pelo motivo que sabemos”.

Noventa cartas e um mundo neotropical para refletir neste início do século XXI. Ao qual André Malraux vaticinou que seria *espiritual* ou, então, não haveria novo século. *Nimuendaju* – o nome com que os guarani adotaram e naturalizaram Curt Unckel – significa, conforme versão mais divulgada, “aquele que faz sua própria casa”. O menino de Jena, que brincava de índio; escolheu entre ser operário da fábrica Zeiss ou trabalhar num resgate humano excepcional. Assim fez seu próprio nome e espaço imortal.